

338



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS
IV. JACOBINA-BA.
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS**

AIDÊ DOS SANTOS COSTA

**IMAGEM ENQUANTO PRODUTORA DE CONTEÚDOS SÓCIO-
PEDAGÓGICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
Um passeio pelas representações cotidianas da Feira Livre de
Jacobina.**

338

**Jacobina – Ba.
2009**

AIDÊ DOS SANTOS COSTA

**IMAGEM ENQUANTO PRODUTORA DE CONTEÚDOS SÓCIO-
PEDAGÓGICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
Um passeio pelas representações cotidianas da Feira Livre de
Jacobina.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Vernáculas da
Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito
parcial para conclusão do curso de Graduação em
Licenciatura Plena em Letras Vernáculas, com Habilitação
em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^o. Dr. Antenor Rita Gomes.

Jacobina – Ba.

2009

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas

AIDÊ DOS SANTOS COSTA

**IMAGEM ENQUANTO PRODUTORA DE CONTEÚDOS SÓCIO-
PEDAGÓGICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
Um passeio pelas representações cotidianas da Feira Livre de
Jacobina.**

Monografia para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura Plena em Letras Vernáculas, com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Jacobina, _____ de _____ de 2009.

Avaliadores:

Antenor Rita Gomes _____
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA.
Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Paulo César Souza Garcia _____
Doutor em Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

A

Deus pela vida e saúde que me concede a cada dia, e por me conduzir sempre ao caminho do sucesso;

Minha mãe querida, D. Agrepina, pela paciência, confiança, compreensão e amor.

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

A minha família, ao Sr. José Costa, meu pai, (*in memoriam*), meus irmãos (as), meus cunhados (as), sobrinhos (as), Danúzia, D. Iracema, minha sogra, Sr. João Biti e D. Maria, meus avós, pelo apoio, ao oferecerem-me a teoria do companheirismo, da paciência e do amor.

A Antenor Rita Gomes, verdadeiro e grande mestre, orientador querido, paciente, atencioso, receptivo, sem o qual a concretude do presente trabalho não seria possível. Incansável educador e amigo que não mede esforços para doar-se aos seus alunos em todos os momentos. A ti, meu respeito, minha admiração, gratidão e carinho, mestre, que permanecerá para sempre em minha formação/crescimento pessoal e profissional.

A todos os meus colegas do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em especial a Aline, Lucimara, Marcela, Otonei e Roberta, com quem dividi as dificuldades e sucessos.

“É preciso realizar a abertura da aula à pluralidade dos discursos, única forma, além disso, de realizar a tão falada abertura da escola à vida, a integração da escola à comunidade.”

(Fonseca e Fonseca)

RESUMO

Este trabalho enfoca o uso da imagem/fotografia da realidade cotidiana do recorte sociocultural da Feira Livre de Jacobina, enquanto produtora de conteúdos sócio-pedagógicos escolares subjacentes às atividades de Língua Portuguesa. As transformações que estão ocorrendo no cenário contemporâneo são um convite à reflexão sobre a capacidade que as instituições têm de processarem e criarem conhecimentos. Por esta razão a escola é chamada a atuar na preparação do seu público, oferecendo aos alunos uma alfabetização para as imagens que lhes possibilite compreender as mesmas, absorvendo-as plenamente em suas leituras, oportunizando-lhes condições para questionar, produzir, decidir, transformar, participar da dinâmica social em todas as suas instâncias, bem como trabalhar estas imagens subjacentes às atividades de Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, entende-se que o principal objetivo do uso das imagens do cotidiano subjacentes às atividades de Língua Portuguesa é o de romper com barreiras, paradigmas ultrapassados que, já não mais contribuem para o desenvolvimento integral do educando e nem possibilitam ao educador o mesmo. Será realizada uma abordagem sobre o papel da imagem da nossa sociedade, eventos contemporâneos, que tem nas imagens visuais e mentais, o principal meio para disseminar o arquivo cultural construído pela humanidade no decorrer de sua evolução histórica. Ainda discorreremos sobre a contribuição da imagem na sala de aula de Língua Portuguesa, evidenciando o uso pedagógico da mesma, avaliando os avanços e as necessidades que estão acontecendo atualmente; e, mostrando que a imagem é um eficaz recurso pedagógico a ser inserido nos processos de ensino e aprendizagem e, por fim, apresentamos o relato da experiência que foi realizada com os trabalhadores da Feira Livre de Jacobina na sala de aula de Língua Portuguesa, tendo como recurso sócio-pedagógico produtor de conteúdos as imagens cotidianas abstraídas do espaço observado.

Palavras-chave: Imagem, Leitura, Representação, Cultura, História.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.	11
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.	14
2.1 – O papel da imagem na nossa sociedade.	14
2.2 – A imagem como texto na escola.	17
2.3 – Imagem como elemento cultural/revelador da cultura dos grupos sociais.	19
2.4 – Imagem como elemento histórico, marca de um tempo e lugar.	21
2.5 – Considerações sobre a linguagem imagética.	23
2.6 – A sociedade da imagem.	27
III. ANÁLISE DO MATERIAL CAPTADO NA FEIRA LIVRE DE JACOBINA.	30
3.1 – Imagem produtora de sentidos.	30
3.2 – Diálogos imagéticos: leitura x conscientização.	34
3.3 – Vivências e experiências estéticas através de imagens.	38
3.4 – Imagem como elemento cultural/promissor de leituras.	42
IV. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.	43
V. REFERÊNCIAS.	46

LISTA DE SIGLAS

DVD –	Digital Vídeo Disc
ECA –	Estatuto da Criança e do Adolescente
TIC –	Tecnologia da Informação e Comunicação
TV -	Televisão

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	33
Imagem 02	35
Imagem 03	38
Imagem 04	39
Imagem 05	40
Imagem 06	41

I. INTRODUÇÃO

Os elementos aqui elencados refletem a marca da diversidade de imagens encontradas e exploradas na Feira Livre de Jacobina. Elementos que despertaram os nossos interesses, as nossas reflexões e fizeram aflorar em nós diversos questionamentos.

Dessa confluência de imagens é que tentamos responder ao nosso questionamento maior: como assimilar a imagem da realidade cotidiana enquanto produtora de conteúdos sócio-pedagógicos escolares no recorte sociocultural Feira Livre de Jacobina, incorporando-as às atividades de Língua Portuguesa?

Buscamos solucionar o nosso “problema” empenhando-nos em compreender/abordar os conteúdos sócio-pedagógicos de Língua Portuguesa subjacentes às imagens cotidianas da Feira Livre de Jacobina, na expectativa de identificar características comuns e adversas capazes de unir e distinguir os indivíduos envolvidos na fração da determinada comunidade; considerando seus modos de vida através dos processos de observação e relato social.

O homem carece se autoproduzir por suas reflexões e interferências através do trabalho como expressão de liberdade sendo inclusive, capaz de produzir cultura que venha se refletir em humanização, em respeito aos seus direitos, em valorização de suas habilidades.

Assim sendo, o nosso trabalho foi realizado relacionado diretamente com /através da imagem, justamente para criar um diagnóstico que dissesse do valor, das possibilidades de se aplicar uma metodologia apropriada em sala de aula com representações do cotidiano de um grupo social, envolvido nas leituras e interpretações de si e do seu espaço através das fotografias, reafirmando assim sua identidade cultural, o momento histórico entrecortado, aprisionado pela moldura do retrato, porém aberto, uma cena em movimento, carregada de cores, sons, cheiros, emoções, sentimentos que se despem, se misturam e se consagram a partir das interferências aplicadas, compartilhadas, confrontadas e reinventadas pelos sujeitos aprendizes/mestres agora emancipados porque conscientes do seu poder de deslocamento e insubmissão.

Segundo Bittencourt,

A análise do conteúdo de imagens fotográficas é um evento social que depende eminentemente de um conhecimento profundo do contexto para o qual a imagem superficialmente aponta. (...) Se a análise da imagem fotográfica desconsidera o contexto original de sua criação, seu alcance fica circunscrito aos índices incompletos da realidade apresentada pela imagem. (BITTENCOURT, 1998, p. 202)

Daí que a originalidade propiciada pelos estudos realizados com as imagens retiradas da Feira Livre de Jacobina foi fundamental para o nosso entendimento, pois nos permitiu ver, ouvir e constatar a veracidade dos eventos agregados às fotografias.

O trabalho de pesquisa realizado na Feira Livre de Jacobina com o intuito de apreender/depreender produções sócio-pedagógicas escolares a partir das imagens captadas no local, gerou discussões significativas.

Ao buscar-se que este trabalho proporcionasse, de forma bastante sintética, mas objetiva, uma familiarização com os principais temas propostos para as discussões, optou-se pela análise imagética de fotografias, vídeos, paisagens, pela valorização dos causos, relatos e depoimentos efetivados pelos indivíduos envolvidos na proposta de trabalho e que tinham como referencial a organização do espaço e das condições de trabalho; a diversidade e a construção de identidades social; a presença de crianças naquele espaço físico; as soluções, os improvisos, as invenções dos feirantes; as condições de higiene e a alimentação; as cores, a ecologia, o lazer daquele espaço “cultural”; e, as relações interpessoais, caracterizando a interação através das imagens, permeada pelos elementos necessários e constituintes do processo no qual se concretiza a metodologia escolar apropriada.

Para efetivar a análise imagética neste recorte monográfico apresentaremos seis das imagens captadas na Feira Livre de Jacobina, como provas cabais de suas possibilidades interpretativas em um contexto sociocultural na disciplina de Língua Portuguesa.

Para essas interpretações convidamos os trabalhadores do local para realizar as atividades conosco. Gente que lida com outras pessoas, que juntamente com os outros seres envolvidos na pesquisa, compõe o espaço em análise, nos permitiram passar pelas questões propostas e que, são as testemunhas mais falantes de como se dá a convivência, a formação histórica imagética cultural e o interesse fundamental de ambos, a comercialização no espaço Feira Livre.

Para tanto, instrumentalizamos os cursistas com diversas ferramentas para que desenvolvessem a efetiva realização da leitura das várias possibilidades e situações com as quais tiveram contato, valorizando suas leituras anteriores, seus conhecimentos, possibilitando aos mesmos navegar e participar socialmente da conversação diária dos espaços privilegiados para a construção de identidades sociais no contexto real, no qual tivemos a possibilidade de realizar inúmeras leituras acerca de várias imagens presentes e abstraídas daquele espaço de cultura denominado Feira Livre.

E foi com este propósito, de fazer aflorar nos cursistas as informações que os cercam e esclarecem a sua ligação com as imagens que indagamos sobre as condições, as

formas de trabalho executadas pelos mesmos, numa intenção clara e proposital de fazê-los propor soluções possíveis e adequadas para o melhor desenvolvimento das suas atividades naquele ambiente, onde a imagem, a palavra e os gestos enquanto elementos de comunicação, reconhecidos e admitidos por eles (sujeitos da pesquisa) é que permitem a sistematização e a evolução da mesma, num diálogo visível com o pensamento de Freire,

O conteúdo programático de estudo deve ser pesquisado e estar vinculado ao contexto social em que vivem os educandos, no sentido de possibilitar uma compreensão crítica da situação e de como o educando nela se encontra. (FREIRE, 2005, p.7)

Finalmente compreendemos que leitura é uma visão muito mais abrangente e democrática que o simples ato de decodificar os símbolos que estão impressos; leitura é entendimento, interpretação, são compreensão e assimilação dadas a partir de olhares inferidos de pressupostos e que pode ser enriquecida com um debate, uma socialização de idéia e experiências.

Problematizamos sobre a organização do espaço, as formas e as condições de trabalho numa discussão que se iniciou com a análise de músicas e fotografias com o intuito de elencarmos os conhecimentos prévios dos participantes.

Refletimos a partir dos casos contados, exemplos de diversificação comportamental, da variedade cultural que forma o todo, envolvida em atividades distintas, de um conjunto complexo denominado Feira Livre.

Consideramos, em todos os momentos da pesquisa, da socialização dos conhecimentos, as contribuições apresentadas pelos entrevistados/cursistas em forma de casos, depoimentos, testemunhos que tiveram por finalidade clarear as nossas abstrações, margear com subsídios reais os entendimentos que íamos adquirindo, nos mostrando cada vez com mais rigidez a necessidade de interferência em alguns eventos, possibilitando assim, melhores condições de trabalho para os feirantes.

Concluimos nossas discussões com olhares mais críticos e muito mais desejosos de atingir as mudanças necessárias à melhoria da nossa condição de trabalho, da evolução de nossas representações, e, juntos, passamos a conceber a imagem/linguagem como instrumento de poder e libertação.

Mas, foi graças à seriedade, disponibilidade e cortesia com que os feirantes nos atenderam e ofertaram as suas significativas contribuições que as análises foram feitas, os entendimentos absorvidos e as compreensões registradas.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – O papel da imagem na nossa sociedade

A construção de uma sociedade não se dá apenas pela constituição do seu solo, da sua vegetação, nem da arquitetura edificada em seu território. Ao conjunto denominado sociedade, acrescentamos vários elementos responsáveis por sua composição, reveladores de sua identidade.

Para falarmos da nossa sociedade vamos nos remeter à idéia de país margeado não apenas pela divisão territorial, mas principalmente por fatos referenciais, acontecimentos capazes de nos retratar em qualquer tempo ou espaço, porque ligados ao evento que nos determina confirmarmos a nossa identidade, nos revelamos e nos “religamos” à nossa história.

As representações mentais envolvem reproduções por meio de reflexões feitas pelo público resultando em um conceito genérico determinante criativo, algumas vezes imaginoso, fantasioso, capazes de conceber como ideal certa imagem.

Imagem no Minidicionário Ediouro (2000, p. 509) “é representação de pessoa ou objeto por meio de desenho, pintura, fotografia, lembrança, metáfora, representação mental”.

Nossa sociedade compõe-se de imagens (futebol, política, carnaval, região, povo), confirmados e arraigados na imaginação interna e externa do país de tal maneira, que em qualquer lugar do globo é possível encontrar discursos congregando com a confirmação de que o Brasil é o país do futebol e do carnaval, por exemplo. Basta suscitar uma discussão envolvendo a garra, coragem e determinação de um povo para imediatamente alguém remeter à bravura dos sertanejos da nação brasileira.

Maffesoli (1995, p. 107) fala da imagem como elemento religioso de comunhão, ou seja, uma “religiosidade que contamina de um em um toda a vida social.” E quantas são as religiões arbitrárias dessa nossa sociedade consumista e ideológica, onde pessoas são atraídas para o grupo por uma identificação ao modismo excludente que conduz aos grandes eventos esportivos, musicais, sociais, enfim, ao consumismo exacerbado.

Uma sociedade não se constitui sem um suporte imagético; as reflexões que envolvem as crenças, os mitos, as realizações, os feitos, as ações que compõe o “imaginário social” carecem está ligados à vida material, aos planos governamentais, ou seja, à ideologia da utilidade, pois antes do material, é necessário constituir um legado imaterial, simbólico, capaz de identificar uma nação, de “religar” as pessoas, o tempo imemorial, sem o qual a

sociedade perecerá, pois não terá sentimento estético, nem utopia e a potência das imagens em sua constituição é o que incita um povo a pensar e a agir sobre a mesma.

Somos o reflexo das imagens sob as quais nossa sociedade foi edificada. Provavelmente por isso, sejamos ainda, um povo carregado dos resquícios da colonização, marginalizados, discriminados dentro do nosso próprio seio, pois carregamos as marcas indeléveis de uma nação rica que se deixou possuir por um outro povo, que se permitiu ser explorada, escravizada, dominada e que pouco tem lutado para libertar-se de algumas marcas que constituem este acervo imagético de grande parte da nossa representação identitária.

Paralelamente, atendendo à necessidade da constituição de um legado simbólico, imaginoso, fantasioso que nos identifique e que nos revele esteticamente, podemos nos referir às imagens estabelecidas da nossa flora, dos vultos nacionais (escritores, poetas, artistas, heróis, cangaceiros), do urbanismo, do sincretismo religioso, da desenvoltura ao lidar com certas situações, do peculiar “jeitinho brasileiro” de ser e solucionar os problemas que surgem cotidianamente.

Ainda na concepção de Maffesoli (1995, p. 117) “imagem é cultura e faz cultura”; portanto, nesse sentido, imagem revela regiões, povos, nações; imagem constitui as memórias, determinando comportamentos humanos, além de modelar o meio ao considerar alguns desses comportamentos humanos.

Poderíamos comentar as imagens apresentadas pela televisão como principais modeladoras das massas; fontes de inspiração para comunidades mais vulneráveis, ditam moda, determinam comportamentos, arregimentam tribos e causam um estardalhaço entre os jovens, as adolescentes mais precisamente, ao exibir qualquer um dos ícones criados por sua imposição.

São essas imagens que nos permitem abstrações riquíssimas quando as analisamos, quando nos permitimos colocá-las na categoria textual, pois que nossa tradição da valorização verbal e escrita quase sempre preconceituosa tem nos revelado cautelosos quanto à possibilidade da leitura imagética.

Imagens contam história, suscitam interpretações, fazem emergir valores, despertam sentimentos, transportam para lugares, momentos vividos, permitem elucidações, leituras, proporcionam verdadeiras viagens através de si.

É possível enxergar pela imagem de uma placa de sinalização de trânsito, por exemplo, a precariedade das estradas que passam mais tempo em obras do que servindo a contento aos usuários das vias. E quantos desmandos vêm embutidos numa placa de alerta, considerando as políticas públicas e orçamentárias de um país no qual os representantes

superfaturam obras e desviam verbas? Inúmeras são as imbricações que nos levam à constatação do descaso e falta de compromisso, o que nos diz que ler uma imagem exige olhar aferido, crítico, uma postura cidadã com conhecimento extrínseco, capaz de amear dados, implícitos e adequações/inadequações para resultar numa opinião pronta, numa reflexão sólida e pertinente.

Lembrando do quão importante é o sentido produzido pela imagem, afirmamos a necessidade de um conhecimento enquanto relação criada, desenvolvida, resgatada com os elementos constituintes dos eventos imagéticos. Continuemos com o exemplo da placa de sinalização e imaginemos uma pessoa que sofreu um acidente automobilístico quando numa ultrapassagem proibida, que o deixou tetraplégico; devemos acreditar que determinado piloto é habilitado, portanto sabe ler as placas, conhece o código de trânsito e suas implicações, advindo daí a consciência da arbitrariedade cometida. Diante dos fatos, voltando essa pessoa a passar outra vez pelo local do seu acidente, revendo a placa ou mesmo ouvindo o relato do acontecimento no âmbito familiar, imediatamente, se reportará ao momento trágico, podendo ser acometido de fortes emoções que o façam sentir medo, angústia, dores, tristeza, enfim, confirmando com suas lágrimas, declarações ou total abstinência de quaisquer demonstrações o quanto aquelas imagens, lembranças produzem sentindo em sua essência.

O cotidiano de nossas vidas é formado de imagens variadas e múltiplas; são lembranças, recordações, desejos, imagens visuais, auditivas, sensitivas, olfativas, degustativas que nos acenam diuturnamente, se e/ou nos revelando.

As imagens visuais são aquelas que estão à mostra, as perceptíveis, materiais, responsáveis por transportar até a nossa mente os sentidos/sentimentos capazes de transformar em representação mental as criações elucidativas a partir/sobre suas realidades.

Em outras palavras, imagens visuais são os elementos materiais palpáveis abstraídos de um evento e que após serem acessados pela mente, através de alguns sentimentos e/ou sentidos, cria, produz, forma uma opinião sobre suas realidades, caracterizando assim as representações mentais através das quais as culturas e os grupos sociais se revelam.

Ao analisarmos as várias possibilidades de leitura existentes, consideraremos o aprendizado imagético como uma resultante da abertura do tradicional à necessidade de redimensionar os recursos e/ou fins educacionais, capaz de permitir um novo olhar sobre o texto, de vesti-lo com uma nova roupagem, dando abertura a novas abstrações, permitindo que “olhares-cidadãos” se lancem sobre ele.

2.2 – A imagem como texto na escola

Sendo a escola um dos lugares privilegiados de práticas sociais, entendemos ser necessária à mesma uma abertura maior às atividades de leitura, não abandonando os textos escritos, nem desvalorizando a oralidade, porém, incorporando outras possibilidades ao seu currículo. Estamos nos reportando à urgência da escola abrir suas portas para a efetiva leitura de imagens, para a incorporação de elementos capazes de suscitar aquele “olhar-cidadão” impregnado de opinião própria, crítica, historicidade, elementos intrínsecos e extrínsecos ao evento capazes de enriquecer conceitos e acenar para as realidades sociais contemporâneas.

Já não podemos conceber uma escola na qual sua metodologia, suas práticas educativas e seu currículo não fazem uso contínuo, contextualizado da leitura pormenorizada de imagens (desenhos, pinturas, vídeos, acontecimentos, fotografias) tendo por princípio valorizar as interferências dos sujeitos do discurso, pois que eles sendo os atores coadjuvantes ou expectadores dos fatos, com certeza, em suas falas transbordam sentidos, significados de uma realidade recortada, estática que ao ser exposta à análise se apresenta aberta, carente de intervenções interpretativas que lhe dêem sentido, tragam vida, permitam uma ligação real com o momento do seu entrecorte, possibilitando uma “relição” com as pessoas, os fatos, o momento histórico do seu registro. E quem lhe trará essa nova significação será o indivíduo leitor competente, conhecedor das realidades externas, inquieto, ávido de conhecimento e por oportunidade de aplicar suas teorias.

Um leitor desejoso de abstrair conhecimentos das leituras realizadas e ansioso por confrontar, somar e elucubrar suas aflições não se satisfaz com o dito, o visível, pronto, ele busca o intrínseco, lê as entrelinhas, compara, despe o texto, no caso a imagem, com a intenção clara de achar sentido, de aflorar detalhes ocultos aos olhares comuns, despertando em outros a disponibilidade de interpretar, pois que a imagem permanece aberta, inclusiva, escancarada às possibilidades elucidativas que lhe são pertinentes e que confirmam teorizações constituídas sobre e/ou a respeito de.

Contudo, mesmo o texto sendo um “híbrido semiótico” no qual verbetes escritos, elementos gráficos e históricos se alternam, não podemos confirmar a existência de uma alfabetização visual nas escolas, pelo contrário, partimos da denúncia dessa ausência, da carência que nossos estudantes sentem de serem preparados para realizar as várias possibilidades de leituras.

Estamos aqui nos reportando às interpretações da imagem e não apenas da complementação do texto escrito pela mesma.

Para Campos,

A construção das capacidades visuais envolve o desenvolvimento de potencialidades orgânicas e psicológicas sensíveis e cognitivas, portanto de ordem subjetiva e racional, que exigem o exercício do fazer. (CAMPOS, 2002, p. 20)

Ou seja, as escolas devem se preparar para oferecer subsídios aos alunos que os tornem fluentes leitores de imagens. Leitores proficientes, carregados de argumentos, teorias, inferências e relações com outras leituras; prontos para se relacionarem à imagem exposta formando um todo contextual, que por ser elaborado pode ser considerado como algo estruturado, edificado, digno de considerações.

Ainda na visão da autora citada anteriormente,

Para que mudanças possam ocorrer e a que parece uma utopia passe a ser uma realidade futura, é necessário criar e ampliar oportunidades para a aprendizagem de processos que levem a alfabetização estético-visual. (CAMPOS, 2002, p.22)

Nessa perspectiva a escola atual está deixando lacunas em sua estrutura que pouco a pouco estão sendo preenchidas por outros segmentos (televisão, computador, internet) que aos poucos tem invadido os lares e olhares da população nem sempre de modo sensível, coerente, porém de forma tão urgente, desenfreada, que se a instituição educacional não levantar e não aplicar os recursos que estão ao seu alcance, além de buscar novos, suas potencialidades ficarão ultrapassadas, obsoletas, impossíveis de acompanhar as práticas sociais contemporâneas.

Está mais que na hora da escola moderna se abrir para os meios de comunicação, aproveitando seus conteúdos em discussões e interpretações adequadas que possibilitem aos cidadãos uma elaboração concisa, coerente e comensurada de sua visão de mundo, bem como da realização de suas responsabilidades, além, claro, de admitir a imagem como texto, fim educacional e não apenas como coadjuvante, mero recurso, quando da aplicabilidade de suas potencialidades em sala de aula, pois traduzindo Belloni é necessário lembrar que,

Embora nos processos educacionais *stricto sensus* as TIC ainda não tenham sido incorporados, no processo mais global de educação, que a sociologia chama de socialização e a teoria crítica de formação, tais meios técnicos já estão integrados a muito tempo, abrindo horizontes, modificando modos de pensar e aprender contribuído para aprofundar e agravar as características perversas de nossas sociedades contemporâneas: a desigualdade social e regional e a exclusão social, sendo esta última a razão principal da urgência de sua integração à escola pública. (BELONNI, 2002, p. 37)

Em outras palavras, considerando o contexto atual no qual nossa sociedade está imersa, precisamos desafiar nossos estudantes constantemente, levando-os a realizar leituras

com/e através de informações que lhes permitam analisar, identificar, sintetizar, confrontar os elementos da mensagem; assim sendo, temos que enfatizar os recursos capazes de nos auxiliar na tarefa árdua de despertar o interesse dos alunos e propiciar a dinamização do trabalho do professor como fim educacional necessário e não como simples recurso auxiliar, passivo de substituição aleatória e negligente.

Mais que isso, devemos nos preocupar com a exclusão social, para não nos enganarmos com a idéia de que um aparelho de DVD, uma televisão e três computadores numa sala trancada, mais visitados pela poeira que por qualquer aluno da escola sejam sinônimos de agregação social e/ou regional dentro de uma instituição que é ao mesmo tempo ambígua e diversificada.

Precisamos sim, nos apropriar dos recursos audiovisuais, incorporando-os à metodologia adotada para que os mesmos permitam aos nossos alunos através de comparação, análise, identificação e síntese a afetiva leitura da/através das imagens disponíveis.

A imagem revela muito mais que o conceito, o instante recortado; ela exige conhecimento acerca dos fatos, das personagens, elementos que ao serem aplicados sobre a mesma indicarão relações próximas ou ausentes com sua paisagem, com seus atores, com o momento mesmo do seu entrecorte; lembranças, reflexões, sentimentos e desejos que podem propiciar uma leitura rica substancial, emocionada, reveladora, ou apenas suscitar algumas frases, duas exclamações apenas.

Quantas histórias, quantos sentimentos, revestem uma imagem! Emoções fortes, lembranças, saudades, distância, medo, pavor, angústia, nervoso, cólera; resgata sonhos, transporta no tempo, leva a lugares, revisita pessoas, trás momentos vividos, elementos de uma conjuntura que estavam armazenados em algum lugar da memória e que bastou uma imagem para nos “religar” ao evento.

2.3 – Imagem como elemento cultural/revelador da cultura dos grupos sociais

A imagem enquanto elemento de representação mental revela as culturas dos grupos sociais, permite reflexões acerca do modo de vida, do tempo, das influências, características e costumes de um povo.

Ao abordarmos a formação da Polícia Militar na Bahia, por exemplo, suscitaremos uma extensão de pré-conceitos/preconceitos x conceitos tão extensa que imediatamente perceberemos um acervo imagético cultural envolvendo a corporação que mais

confirmará do que negará as crenças dos leigos e que, por vezes, confrontar-se-á com os saberes instituídos.

A Polícia Militar da Bahia foi criada oficialmente por Decreto do Imperador D. Pedro I, datado de 17 de fevereiro de 1825, “que manda organizar na Cidade da Bahia um Corpo de Policia” nos termos seguintes:

Sendo muito necessário para a tranqüilidade e segurança publica na Cidade da Bahia, a organização de um Corpo, que sendo-lhe incumbido aqueles deveres de responder imediatamente pela sua conservação e estabilidade. Hei por bem: mandar organizar na Cidade da Bahia o Corpo de Policia, pelo plano que com este baixa assinado por João Vieira de Carvalho, do meu Conselho de Ministros e Secretários d’Estados dos Negócios da Guerra. (D. Pedro I -?)

Possivelmente, haverá um saudosista ou ainda um curioso que virá confrontar este relato afirmando que o Imperador D. Pedro I instituiu o Corpo de Polícia sob a máscara da tranqüilidade e segurança pública, com as garantias da conservação e estabilidade apenas para parecer um lorde, um cavalheiro, mas seus interesses eram exacerbadamente ínfimos, a intenção verdadeira do Imperador era criar uma força institucionalizada, regida por um regulamento, disciplinada, pronta pra obedecer-lho e arcar com as conseqüências de sua truculência, de seus impropérios, seus abusos, quando proferidos e/ou praticados.

É fato que a Polícia Militar da Bahia participou de várias insurreições, dentre elas a Revolta dos Malês, a Cabanagem, a Balaiada, a Sabinada, a Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai, Guerra de Canudos, Revoluções de 1930, 1932, da Intentona Comunista, entre outras, numas ostensivamente/repressivamente, noutras apenas apoiando com alianças firmadas e o envio de alguns artefatos.

Daí a imagem viva e corrente entre os leigos e desconhecedores de que a Polícia Militar é repressiva, composta por homens/máquinas insensíveis, brutos e mal educados, que despertam medo por sua arrogância e intransigência, donde inclusive presenciamos mães nas ruas que ainda solicitam aos policiais que assustem as suas crianças quando as mesmas estão a pedir alguma coisa que elas não desejam comprar, tudo isso, graças à carga imagética que se constituiu em volta dessa instituição a partir de alguns episódios relacionados aos eventos citados, além, também, é claro, não podemos nos esquecer, dos governos militares.

Mas, e a incorporação das mulheres, a aberturas dos Colégios Militares, os projetos sociais que vem sendo desenvolvidos pelas corporações, a participação ativa nos eventos públicos, não são capazes de desmanchar esta imagem?

Além do mais, manchar a imagem de uma instituição quase bicentenária com tantos bons serviços prestados à sociedade é de uma imprudência institucional sem fim.

Diríamos que o que vai além das imagens está na memória ou se perpetuando através dela. As reflexões que fizemos através da imagem que temos envolvendo a Polícia Militar estão formadas, arraigadas, carece de tempo para ser destituída e quando for as pessoas afirmarão que “a polícia atual, bem diferente daquela de alguns anos atrás” agora é assim, ou seja, tem uma nova imagem que não é capaz de soterrar a antiga, de fazer sucumbir, porque imagem é mais que representação, é revelação de cultura e quando assim torna-se atemporal.

Porto Alegre, traduzindo Geertz, afirma que “nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos por meio da cultura”, no que ela complementa salientando que:

As imagens mantêm um vínculo estreito com a produção social de um período e traduzem, de certa maneira, as múltiplas formas de consciência, e podemos supor que o estético apresenta uma autonomia cuja fonte é a inventividade humana, no que ela deve à subjetividade e ao imaginário. (ALEGRE, 1998, p. 110)

O exemplo citado anteriormente tem justamente esta característica, revelar o vínculo existente entre um grupo social e a produção social traçada a seu respeito, a partir dos eventos ocorridos em alguns períodos e das várias formas de consciências que envolvem além do estético a propriedade ao veicular como fato as imagens argüidas pela conveniência da subjetividade e do imaginário fantasioso.

2.4 – imagem como elemento histórico, marca de um tempo e lugar

Seria um equívoco chegarmos até aqui e não fazermos uma abordagem da imagem como elemento histórico, com marcas de um tempo e lugar capazes de realizar um diálogo entre imagem x história, discurso x verdade, com o intuito de esclarecer a relação existente entre ambos.

Duarte (2004, p. 227) citando Forquin (1993), afirma que toda educação do tipo escolar “supõe sempre na verdade uma seleção no interior da cultura e uma reelaboração dos conteúdos da cultura destinados a serem transmitidos às novas gerações”. Desta forma, a escolha da imagem é uma opção política, e, assim sendo, confirma o conhecimento das lideranças políticas em reproduzir imagens. Exemplifiquemos com algumas imagens do brasileiro veiculadas nas emissoras de televisão pela Assessoria de Comunicação do Governo

Federal há aproximadamente três anos atrás que enalteciam a garra, coragem, determinação e honestidade dos filhos da nação.

Dai (escolha de imagens para a escola ser uma opção política), advir a tradição, mesmo agora no século XXI, das metodologias escolares ainda utilizarem os recursos audiovisuais como auxiliares metodológicos e não como fins educacionais; exibirem um filme com crítica direcionada, utilizarem a internet como meio para atingirem os fins já prontos e se declararem adeptos, usuários das TIC; somos iniciantes, estamos capengando num terreno preparado pelas possibilidades vindas de fora e não estamos sendo corajosos e audaciosos ao ponto de considerarmos o advento da real urgência em admitirmos as imagens em nossos currículos e alfabetizarmos (antes, nos alfabetizarmos) nossos estudantes para a forma de leitura apropriada.

Enquanto as políticas educacionais divergem sobre a adoção das imagens aos currículos e às metodologias, tentando selecionar quais representações devem chegar às escolas e ao público em geral, nós perdemos de realizar com sucesso a proposta de Dalla Zen,

É na vivência de leituras compartilhadas que os sujeitos percebem detalhes não identificados antes, estabelecem relações, divergem quanto à interpretação. Esse entrelaçar de opiniões mostra as diferentes pistas de raciocínio que conduzem os leitores à construção dos significados. Operar sobre as possibilidades de leituras surgidas (ler a leitura dos alunos), parece uma estratégia eficaz a se adotada. Não se trata de verificar apenas quem leu bem ou mal um texto, mas sobretudo, de assumir o papel de co-leitor, procurando descobrir quais os conteúdos de memória (conhecimento de mundo e conhecimento lingüístico) utilizados pelo aluno para dizer o que disse. (ZEN, 1997, p. 64)

E os nossos alunos, bem! Os nossos alunos estão à margem dessas possibilidades, aprendendo ou deturpando as imagens que lhes chegam pelo poder de avaliações vindas de fora, de reflexões inacabadas e de interpretações tendenciosas.

Para que uma representação se revele histórica faz-se necessário tecer alguns elementos responsáveis por compor o legado de um grupo social capaz de manter as memórias que irão formar sua história, criar a identidade que os revelarão em qualquer tempo ou espaço.

Disse o poeta que "... um galo sozinho não tece uma manhã, ele precisa de outros galos que apanhem o seu canto e o levem a outros, e esses a outros..." (João Cabral de Mello Neto). Assim a constituição/consagração de uma imagem carece de um coletivo, que vivencie o evento, que conheça a paisagem, os atores, as emoções, que diga do desejo de quem quis imortalizar o momento; pessoas que tenham absorvido as informações, que as tenham entranhadas em suas memórias de uma forma tão definitiva que levá-las a posteridade não

lhes será nenhum fardo, contrariamente, será inexoravelmente prazeroso e a tessitura que envolve as lembranças deixará de ser mera utopia, para ser formadora de identidade cultural, de uma rede de eventos que alguém jamais terá argumentos nem ousadia para refutar.

Uma imagem ao ser exposta, ao ser relembrada, desperta reações nos leitores que os transporta ao local, à época dos fatos, e essa viagem é que compõe o mosaico do feixe de recordações, sentimentos, atitudes e riqueza de detalhes que permitem ao grupo recriar o evento, despir a representação e reinventá-la com uma nova armadura, conservando os pontos elementares e trazendo outros a luz, aqueles que as emoções deixaram adormecer, que os olhares atônitos sufocaram, porém, basta provocar um retorno ao local, ao tempo, para que a história através de interpretadores buliçosos e proficientes aplique os detalhes que faltavam e faça ressuscitar/emergir o sentido do momento emoldurado que se consagrou memoravelmente.

2.5 – Considerações sobre a linguagem imagética

Imagem é elemento revelador de culturas com poder de abranger, abordar e anunciar a diversidade existente no seio de um grupo social determinado.

Classificamos por diversidade a composição dos elementos variados, numerosos, diferentes e/ou distintos que se unem em torno de um tema para identificá-lo e caracterizá-lo, ora restringindo-o, ora abrangendo-o, possibilitando assim, leituras variadas acerca das propostas sugeridas.

Com este conceito é que encontramos os indivíduos (elementos do nosso estudo) envolvidos numa gama bastante ampla e diversa de possibilidades, nas quais suas habilidades criativas, interpretativas, suas informações contextuais e semânticas, construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, foram apropriadas para realizar o processo de interlocução entre leitor e autor mediado pelos textos visuais, escritos e auditivos que permitiram a reconstrução/desconstrução x a desconstrução/reconstrução da consciência crítica tão almejada pela idealizadora do projeto.

Para Bittencourt, as fotografias:

Apresentam o cenário no qual as atividade diárias, os atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos. (...) Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo. Mais ainda, a análise de registros fotográficos tem permitido a reconstituição

da história cultural de alguns grupos sociais, bem como um melhor entendimento dos processos de mudança social, do impacto do colonialismo e da dinâmica das relações interétnicas. (BITTENCOURT, 1998, p. 199-200)

Faremos uma abordagem da imagem com e/ou pela fotografia como signo de uma identidade social em comunhão com outros elementos também detonadores de emoções para dizer das representações que nos foi possível abstrair do recorte cultural Feira Livre de Jacobina.

Foi entendendo a linguagem como um lugar de interação humana, interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em dada situação de comunicação de um contexto sócio-histórico ideológico, no qual os usuários da língua interagem dialogando em sentido amplo, que a otimizamos amplamente em nossas abordagens, pois que ambas, imagem e linguagem estão ligadas, uma traduzindo o sentido da outra. Para cumprir seu papel de comunicar a linguagem utiliza alguns mecanismos lingüísticos; e para que haja comunicação é necessário mais que o código, o canal e a mensagem, são necessários os sujeitos imbuídos dos vários elementos que compõem o mosaico da linguagem.

Lembrando um pensamento de Freire (2005), abstraímos de suas falas, embora venha de maneira bastante discreta, a necessidade da comunhão, da interação com outros indivíduos que também estejam procurando ser mais em comunhão com outras consciências, que certamente serão objetos de outros, pois o homem é incompleto, inacabado, e os “graus de informação” não são absolutos, portanto, considerando que a imagem também é aberta, inacabada, incompleta, necessitada de inferências, reflexões sobre, concordamos que inúmeras são as possibilidades de trilhar por vias paralelas os caminhos que conduzem à atualização das informações, à concretude e flexibilidade do conhecimento.

Cabe aqui uma citação de Merleau-Ponty (1974, p.93). “As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras”. Portanto, é necessário que haja o diálogo, a comunicação, seja lá em que segmento for da sociedade, para que as brechas apareçam e nós possamos invadi-las, pois ao ultrapassarmos essas fendas e atingirmos os nossos objetivos que estavam ocultados por elas e nos foi revelado pela ação da palavra, teremos atingido o sucesso da comunicação numa referência imagética, pois fomos envolvidos por um acervo de movimentos, cores, sofisticação, efeitos especiais, cheiros e um aparato tecnológico que nos permitiram ver e compreender o que nos cerca hoje.

Entendemos, pois, a necessidade de abordarmos a relevância das relações interpessoais dadas em determinados espaços, relações determinantes da constituição de

identidade social que se dá exatamente no momento da interação entre os indivíduos; e, ao caráter social das relações humanas, nas quais se dá a comunicação, as atitudes, as mudanças de atitudes, o processo de socialização, o encontro dos grupos sociais, é que denominamos relações interpessoais.

Diz Freire (2005, p. 63) que, “o homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca”. É nesta busca constante, paralela, que os indivíduos envolvidos interagem, atuam, constroem, socializam e convivem, estabelecendo assim, as relações interpessoais que acabam por formar a tão abordada identidade sociocultural, ou seja, na utilização dos elementos que compõem a diversidade material, imagética, da e na comunicação é que se forma o indivíduo ou grupo envolto numa ideologia identitária e singular.

As pessoas passam por caminhos diferenciados, vivem experiências singulares até chegarem a determinados lugares. É preciso desvendar tudo isso para que tenha sentido o objetivo de buscar novos conhecimentos, de atingir determinadas metas e aspirações. Nesse sentido, recorreremos à imagem como elemento de transculturação e nos ateremos à abordagem fundamental do “ato cooperativo”, para dizermos que quanto mais indivíduos houver num grupo acostumado a cooperar através das relações estabelecidas com as representações instituídas e/ou interpretadas, tanto melhor para todos, pois dessa forma, esse grupo assegurará sua organização e sobrevivência em sociedade.

O trabalho é a atividade humana por excelência, pela qual o homem transforma a natureza e a si mesmo, e a comunicação é o instrumento que possibilita aos indivíduos tanto a transformação no sentido evolutivo, quanto a alienação ou o assujeitamento. Assim, o trabalho enquanto ação transformadora da realidade deve estar substanciado em ações dirigidas por finalidades conscientes, nas quais o homem através da exploração e aplicação da linguagem despida de julgamentos e pré-conceitos constitua uma imagem capaz de transformar a natureza, tornando possível a existência da cultura.

Imagem é representação; é um modo de enxergar através de, que se forma pela junção de elementos (paisagem, atores, cores, momentos) e sentimentos (cheiros, sabores, toques, saudades, medos, tristeza, angústia, cólera), que estavam adormecidos e que ressuscitam ao verem e/ou ouvirem do momento da interação e cooperação da constituição ideológica.

Para Gouvêia e Martins (2001, p.42), “as imagens contém elementos que possibilitam leituras complexas”; e Sgarbi (2001, p. 124), afirma que “o significado não está necessariamente na imagem, mas na leitura que se faz da imagem”. Daí a relevância dos

conhecimentos anteriores do leitor, “aqueles” que tem ligação histórica, de tempo e lugar com a imagem exposta, posto que, sem eles, fica impossível decifrar a ordenação dos elementos encarregados de construir e manter a identidade histórica sócio cultural da representação social analisada.

A imagem é uma forma de expressão aberta, inacabada, porque passiva de inferências, de interpretações e reflexões a partir dos elementos que a constituem no que o professor Gomes analisa afirmando:

Todo ato de comunicação, toda manifestação de linguagem envolve interpretação e todo dizer é aberto. O sentido está sempre em processo, em curso. Trabalha sempre com uma espécie de ausência; com a incompletude e com a abertura. A matéria significativa tem plasticidade é plural, por isso, o sentido é da ordem do simbólico. É o abismo da possibilidade incomensurada. A atitude humana de produzir sentido é, por seu turno, como marca deixada na superfície espelhada da matéria significativa e não se esgota, nem esgota o sentido; ao contrário, é uma forma de fechamento para a potência geradora do sentido, pois coloca em silêncio toda incompletude. Toda ausência. (GOMES, 2008, p.26)

Assim, o leitor criterioso, busca identificar no conjunto da imagem, do entrecorte, o que não está exposto para dizer o que ainda não foi dito, para revelar o que estava implícito através do brilho de um olhar, da distribuição dos elementos de composição da cena e/ou na ausência daquela lágrima de amor na face da donzela triste.

O homem também é um ser incompleto, inacabado, carente de comunhão com outros seres para dialogar, refletir, confrontar informações, adentrar ao pátio da socialização de idéias, conceitos e saberes libertando-se da incomensurada marginalização da ausência de conhecimentos instáveis (no sentido de serem moventes, inacabados) num matrimônio perfeito com o pensamento de Freire,

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-ser inacabado. Gosto de minha presença no mundo; que não se faz no isolamento, isento da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte a mundo nos coloca. Renuncio a participar, a cumprir a vocação antológica de intervir no mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem haver com ele. Afinal, minha presença no mundo

não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p. 53-54)

Pensamento que vem reforçar a condição do homem incompleto, declarado, convidado a se aceitar, mover e locomover no âmbito das culturas atuais.

Poucos são os avanços no sentido de instituições escolares, currículos e metodologias admitirem as imagens audiovisuais como fins educacionais, ao invés de utilizá-los na condição de “recursos didáticos auxiliares integrados ao sistema educativo”; em contrapartida estudiosos tem se mobilizado e pronunciado a favor da necessidade de sua incorporação aos métodos de ensino integrados, cobrando inclusive, uma alfabetização para a utilização dos mesmos em sala de aula, no que encontramos reforço, nas palavras de Campos:

Acreditamos essencial esclarecer que mídia-educação não significa apenas promover o conhecimento sobre os meios (suas mensagens, suas virtudes, e seus embustes), mas, sobretudo, buscar o conhecimento dos meios (isto é, da estética, das “regras da arte” e dos aspectos operacionais) que irão permitir ao ser humano utilizá-los como meios de emancipação. (CAMPOS, 2002, p.36)

Assim, carecemos de urgência por parte das políticas educacionais, no sentido de, arregimentar as dicotomias numa única mão, via de acesso para fixação das imagens nos currículos escolares para que sejam otimizadas nos currículos estudantis através das metodologias apropriadas.

2.6 – A sociedade da imagem

Somos os filhos de uma sociedade “imajada” que se autoproduz e se recria cotidianamente pelo poder da multiplicidade de representações (de paisagem, povo, raça, culturas, ideologias, sons, cores, cheiros, sabores e sentimentos) com os quais convivemos; imagens que nos acariciam e confrontam freneticamente trazendo à tona um turbilhão de sensações diárias que nos conduzem e nos arrebatam constantemente para vivências paralelas através de olhares sobre.

Acrescentemos, pois, aos nossos deslocamentos, nossos entrepostos culturais, o recorte emoldurado à prática educacional escolar, criticado por Freire;

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que deva associar disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm

como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1996, p.30-31)

Imagem de uma prática educacional reacionária, tradicional e estagnada que prejudica professores, alunos, funcionários, comunidade subjacente ligada à rotina educacional num embricamento de discursos acabados e irrefletidos, armados contra qualquer possibilidade de evolução.

Ao processo de fixação, “em chapa sensível à luz, da imagem de objetos”, dá-se o nome de fotografia, porém, diante da abordagem de nosso estudo, diremos que fotografia é um ponto de vista, um olhar lançado sobre e/ou a partir de, constituindo-se em um discurso ideológico, contemplado pela leitura imagética, pois:

O jogo que anima a foto sem o qual não se pode pensá-la é o seu caráter de “obra” em aberto, ou melhor, de documento em aberto, reflexo de um olhar congelado no passado, mas que o tempo e as circunstâncias se encarregam de reorganizar, conferir novos significados e que será recontextualizado e reconstruído por cada novo olhar. O valor documental de uma foto ultrapassa o valor informacional de seu conteúdo, e pode revelar-se ao receptor que souber interpretá-la. (LACERDA, 1993, p.52)

Imaginemos, pois, a constituição de um álbum de família. Quantos elementos devemos considerar? A distribuição/ordem das fotografias; as pessoas presentes em cada uma delas, as ausentes; os eventos registrados, o que não foi fotografado, recortado, emoldurado; a organização dos elementos que fazem parte do cenário/ambiente fotografado, e mais, tentemos imaginar a reação de quem organizou este álbum tempos depois, seus desejos. Um turbilhão de emoções, memórias e vontades a invadir o seu ser.

Em síntese, o recorte espacial, geográfico, ideológico, sócio/histórico/cultural com identidade definida reconhecidamente denominado Feira Livre nos propiciou captar imagens belíssimas, substanciosas com possibilidades de leituras amplas dentro e fora dos muros escolares; imagens que ficarão/farão histórias e nos elevarão à categoria de verdadeiros “profetas” da sua constituição.

As imagens captadas na Feira Livre se constituíram em textos, em acontecimentos situados em estruturas sócio-comunicativas capazes de abstrair dos olhares orientados reflexões conscientes, interpretações extremamente significativas, além, claro, de permanecerem abertas, incompletas, inacabadas, disponíveis às inferências que venham dizer do que ainda não foi dito, para que esse não revelado se apresente produzindo sentido.

Ao apresentarmos estas possibilidades de leituras nos referenciamos ao discurso abalizado de Freire, quando afirma:

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”. (FREIRE, 1996, p.81)

Daí, a importância de se reconhecer o valor dos conhecimentos estabelecidos anteriormente pelos leitores, bem como suas interpretações realizadas acerca do mundo/imagens que foram apreendidas/apreendidas em algum instante, a todos os instantes de sua trajetória.

Mas, e a aula? Qual a relevância dos implícitos, dos não ditos anteriores, das “leituras do mundo” realizadas antes da “leitura da palavra”, das reflexões que comportam os conhecimentos acumulados formados em volta de outras interpretações, de imagens responsáveis pelo preenchimento da nossa imaginação diária?

O professor Gomes (2008, p.88-89) revela que: “A sala de aula de Língua Portuguesa é o espaço pedagógico por excelência para se trabalhar a interpretação do texto e, conseqüentemente, com a dimensão implícita dos sentidos”.

Depreenda-se do discurso do escritor a transparência em revelar a aula de Língua Portuguesa como o ambiente no qual se dá a transmissão/evolução de conhecimentos. O local onde a cultura passeia livremente entre os interlocutores onde os não ditos “pululam” em comunhão explícita com os conhecimentos armazenados/apropriados permitindo a manipulação dos discursos através de olhares críticos sobre, que irão dar sentido aos ditos conceitos que por terem sido proclamados passam a existir configurando o ambiente (sala de aula) num local extremado de difusão de possibilidades e concretização.

Apresentamos o local para produção e construção de conhecimentos, pois, entendemos que o professor não é o detentor/transmissor dos saberes prontos, capaz de transferi-los aos ouvintes/alunos, mas, o co-facilitador entre os elementos cooperadores do evento e os sujeitos empenhados em decifrá-los, despi-los, desconstruí-los/reconstruindo e reconstruí-los/desconstruindo.

Em suma, apresentamos a sala de aula de Língua Portuguesa, com suas incoerências e possibilidades dentro de um contexto sócio-cultural determinado/determinante, ávido por contribuições substanciais, elementares e coerentes.

III – ANÁLISE DO MATERIAL CAPTADO NA FEIRA LIVRE DE JACOBINA

3.1 – Imagem produtora de sentidos

Ao abordarmos o contexto real através das imagens fotográficas tivemos a possibilidade de realizar inúmeras leituras acerca de diversos temas presentes a abstraídos daquele espaço de cultura denominado Feira Livre.

São essas possibilidades de leitura que registraremos neste capítulo juntamente com seis das várias imagens que capturamos e analisamos juntamente com os feirantes.

Realizamos uma leitura acerca da organização do espaço, das formas e das condições de trabalho na Feira Livre de Jacobina.

Já está definido que leitura é muito mais abrangente que o simples ato de ler, de decodificar os símbolos que estão impressos; leitura é entendimento, interpretação, são compreensão e assimilação dadas a partir de um olhar e que pode ser enriquecida com um debate, uma socialização de idéias e experiências.

Lajolo (2005, p. 7) afirma que: “... lê-se para entender o mundo, para viver melhor”.

Assim, quando admitimos e partilhamos com essa visão abrangente, visão democrática da leitura e das suas possibilidades, concordamos com o pensamento de Marcuschi, que nos diz que:

(...) essa organização também é reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa, ou seja, as decisões interpretativas dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais entre outros. (MARCUSCHI, 1986 p. 37)

Pois, sendo desta forma instrumentalizamos os participantes do minicurso com diversas ferramentas para que desenvolvessem a efetiva realização da leitura das várias possibilidades e situações com as quais tiveram contato, valorizando suas leituras anteriores, possibilitando aos mesmos navegar e participar socialmente da conversação diária dos espaços privilegiados para a construção de identidades sociais no contexto real.

Realizamos a dinâmica do “desenho compartilhado”, para analisar a coerência, colaboração, sentido, intenção de cada um e o comprometimento ao trabalhar em equipe.

Problematizamos sobre a organização do espaço, as formas e as condições de trabalho na Feira Livre de Jacobina para provocar a discussão.

Analisamos uma música de Zé Ramalho, “Cidadão”, e algumas fotografias que serviram de base para levantamento do conhecimento prévio dos participantes. Sistematizamos os conteúdos discutidos através de aula expositiva e participativa e iniciamos a confecção de um livro, no qual os cursistas registraram através de colagens, pinturas, palavras e frases, síntese crítica sobre as discussões e os conteúdos da aula.

Fizemos uma abordagem sobre as relações interpessoais, a diversidade e a infância, enquanto elementos de composição da Feira Livre de Jacobina.

Quando falamos do papel da comunicação na sociedade sentimos a necessidade de esclarecer o ponto no qual se dá a interação, ou seja, qual é a mola que alavanca o encontro social, possibilitando a percepção social, a comunicação, as atitudes, as mudanças de atitudes, o processo de socialização, os grupos sociais e os papéis sociais.

Para o psicólogo brasileiro Aroldo Rodrigues (2006, p. 22), a psicologia social é o estudo das “manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação”. E nós sabemos que a mesma surgiu para estabelecer uma ponte entre a psicologia e a sociologia, e o seu objeto de estudo é exatamente o comportamento dos indivíduos quando estão em interação.

Demo (2006, p. 17), fala de um alfabetismo ligado ao progresso social e individual, inclusive de ascensão social e de exercício de cidadania, e nós nos perguntamos em que nível estão classificados os indivíduos que não foram alfabetizados a partir de um conjunto de códigos, com regras, capazes de transmitir mensagem?

Freire (1979, p. 19) nos fala da criação, pelo homem, de um “mundo histórico cultural”; ou seja, o mundo dos acontecimentos, de valores, de idéias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos.

Acreditamos ser este mundo de saberes não sistematizados rigidamente pelo código e pelas regras, o mundo da superação do estado de ignorância (que fique claro, ignorância apenas quanto às habilidades ainda desconhecidas) que conduz o indivíduo à consciência crítica, à busca incessante e árdua do conhecimento, enquanto habilidade norteadora de sua sobrevivência e de seu estar no mundo, de seu ser, fazer e conviver social, indicados pelo pensamento do próprio escritor, quando dirige-se aos educadores: “

O conteúdo programático de estudo deve ser pesquisado e estar vinculado ao contexto social em que vivem os educandos, no sentido de possibilitar uma compreensão crítica da situação e de como o educando nela se encontra. (FREIRE, 1979, p. 7)

A psicologia social vem nos amparar também neste ponto, buscando a superação de algumas limitações e procurando aprofundar o conhecimento da natureza social do fenômeno psíquico.

Para Geraldí,

Linguagem não é nem simples emissão de sons, nem simples sistema convencional, como quer um certo positivismo, nem tampouco tradução imperfeita do pensamento, vestimenta de idéias mudas e verdadeiras, como a concebe um pensamento idealista. Pelo contrário, é criação de sentido, encarnação de significação e, como tal, ela dá origem à comunicação. (GERALDI, 2002, p. 11)

O pensamento do teórico reforça a defesa da psicologia social de que cada indivíduo aprende a ser um homem também nas relações com outros homens, pois o mesmo é um ser social, de relações sociais e está em permanente movimento.

E Freire (2005, p. 63) afirma que: “O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca”. Toda busca deve sempre ser feita com outros seres que também estejam procurando ser mais em comunhão com outras consciências, que certamente serão objetos de outras; pois o homem é incompleto, inacabado, e os graus de educação (informação) não são absolutos, portanto, inúmeras são as possibilidades de trilhar por vias paralelas os caminhos que conduzem à atualização das informações, à concretude e flexibilidade do conhecimento.

É nesta busca constante, paralela, que os indivíduos envolvidos se deparam com uma gama bastante ampla e diversa de possibilidades, que suas habilidades criativas, interpretativas, suas informações contextuais e semânticas, construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, se apropriaram para realizar o processo de interlocução entre leitor e autor mediado pelos textos visuais, escritos e auditivos que permitiram a reconstrução / desconstrução X desconstrução / reconstrução da consciência crítica tão almejada pela idealizadora do minicurso.

Ao caráter social das relações humanas, nas quais se dá a comunicação, as atitudes, as mudanças de atitudes, o processo de socialização, o encontro dos grupos sociais e a revelação dos papéis sociais, é que denominamos relações interpessoais.

E as relações interpessoais são exatamente os comportamentos dos indivíduos quando estão em interação.



Na fotografia apresentada, a criança segura uma boneca e um guarda-chuva, parada em um espaço aberto entre as barracas que ainda estão desarmadas. Um “mergulho” nessa foto nos permite formar um ponto de vista; lançar um olhar sobre o momento entrecortado e formar um discurso ideológico a respeito da mesma, questionando sobre o visível e o invisível, ou seja, os elementos ausentes à moldura.

Poderíamos dizer que a diversidade, as relações interpessoais e a presença infantil na Feira Livre são características que podem ser identificadas na composição deste quadro fotográfico; a criança se deixa fotografar na ausência da sua genitora, a qual supomos ter saído para um ponto próximo, pois deixou a criança aguardando/cuidando do material e atendendo às abordagens dos transeuntes.

Assim, destacamos na foto a capacidade da criança em se relacionar com estranhos, permitindo inclusive, a captura de sua imagem; sendo possível ainda, identificar a diversidade presente ao recorte, ao evento, pois, além da quantidade de elementos impressos na foto captamos através dos olhos da criança a infinidade de possibilidades que o ambiente oferece: brincar com a boneca, por exemplo, enquanto está com sua mãe que provavelmente não tinha com quem deixá-la enquanto executava seu trabalho.

Fomentamos uma discussão dirigida, a partir de casos que os cursistas trouxeram para a reflexão exemplos de diversificação comportamental, da variedade cultural

que forma um todo, envolvida em atividades distintas, em um conjunto complexo denominado Feira Livre.

Fixamos a interpretação do grupo com a exibição de algumas fotografias e a partir destas fotografias direcionamos a discussão para o fato da presença irrestrita de crianças na Feira Livre, indagando: As crianças freqüentam a Feira apenas por lazer? Existe algum tipo de trabalho na Feira Livre de Jacobina, sendo desenvolvido por crianças? Está regulamentado em lei este tipo de exploração infantil? Há algum tipo de fiscalização? Quem fiscaliza? Qual o procedimento utilizado pelo Conselho Tutelar para fiscalizar o trabalho infantil?

Sistematizamos a discussão sobre o trabalho infantil, com a leitura de alguns artigos do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, a exemplo do Artigo 60 da lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990 que proíbe qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz; e assistimos um vídeo com a confirmação dos direitos da criança.

Foram muitos os depoimentos. Em princípio, todos de conformidade, pois consideravam as necessidades dos familiares, alguns acreditavam até num apelo interior muito forte por parte dos menores, mas à medida que a socialização das idéias fluía, à medida que outras leituras foram proporcionadas, pois que as mesmas estavam ancoradas em outras ideologias e nos princípios da legalidade, verificamos o quanto as falas se modificaram, ganharam status argumentativos, percebemos inclusive certa indignação por parte das pessoas envolvidas no discurso.

3.2 – Diálogos imagéticos: leitura x conscientização

Buscamos contemplar as soluções, os improvisos, as invenções dos feirantes. Entendemos por soluções os meios utilizados para superar uma dificuldade, para resolver um problema e, segundo o dicionário Ediouro (2000, p. 515), “improviso é o produto intelectual resultante da inspiração do momento”, pois, ainda na definição do dicionário, “improvisar é sinônimo de fazer ou inventar às pressas”.

E foi a partir deste entendimento e desta definição que buscamos compreender e apreender a criatividade da qual os feirantes valem-se para conviver com as condições adversas daquele ambiente e solucionar os problemas que surgem.

Freire (1979, p. 19), nos fala da criação pelo homem, de um “mundo histórico cultural”; ou seja, o mundo dos acontecimentos, de valores, de idéias, de instituições. Mundo

da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos. Mundo que também pode ser fonte de adaptação, de criação inspirada na carência e com a capacidade de solucionar uma necessidade do momento.



Embora os improvisos sejam soluções inventadas às pressas e tenham sua finalidade específica, os feirantes têm se utilizado de alguns deles de maneira farta e por muito tempo. O que sugerimos com as reflexões propostas, através das imagens foi oportunizar uma outra forma de pensar, de enxergar as soluções permanentes para os problemas reais e diários.

Na imagem apresentada o vendedor se utiliza de um carrinho de mão para improvisar uma barraca, na qual ele vende uma variedade gigantesca de produtos que vão desde espelhos (acessórios de beleza) até raízes e caules de plantas medicinais.

Problematizamos a discussão sobre as necessidades que surgem no espaço Feira Livre e de que forma são solucionadas. Usamos os discursos dos cursistas como ponto de partida para sistematização do conteúdo através de aula expositiva e participativa, fixando as principais necessidades e soluções com a exibição de algumas fotografias do local de

trabalho deles; e com a apresentação de um vídeo fixando a importância de se assumir responsabilidades e trabalhar em grupo.

Efetivamos uma leitura sobre as condições de higiene e a alimentação da Feira Livre.

Leitura é um processo de interlocução entre leitor e autor mediado pelo texto que nos permite além de reconstruir desconstruindo, desconstruir e reconstruir, daí a responsabilidade do autor em não apenas nos conduzir ao texto, mas, sobretudo nos seduzir, nos envolver com o texto, mantendo-nos ligados ao tema.

E Lajolo (2005, p. 65) indaga referindo-se à capacidade do autor em deter a atenção do leitor ao texto: “Trouxeste a chave?” A palavra é ambígua, tem seus implícitos, suas manifestações oblíquas, cabe ao autor do texto lançar mão de uma linguagem intencional, realizar um trabalho, um modo de usar as palavras que seja capaz de chamar a atenção do leitor, capaz de recriar o conhecimento já existente em diferentes áreas, criar o conhecimento que ainda não existe e até de possibilitar a pesquisa.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relaciona-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 2005, p. 61)

Daí a importância do ensino de língua considerando as relações humanas que ela perpassa, valorizando as interpretações dos alunos.

Ler o mundo é o desafio crucial. Numa realidade onde informação vai sobrar, corremos o risco de que falte habilidade de fazer disso oportunidade formativa, questionadora, criativa, pois mais que preparar para o trabalho, é imprescindível preparar para a vida.

Para Freire (1979, p. 23), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Considerando-se que ler vem antes de escrever fica mistificada a idéia de escolarização da leitura, pode-se ler tudo, mas de modos diferentes.

Uma das funções da leitura é a decodificação dos símbolos impressos, porém, o termo leitura é muito mais abrangente. Imagem compreende entendimento sobre o que está à mostra, ou ainda, sobre o que está subentendido, sobre o que não está dito, mas se permite abstrair a partir do que se lê, ou do que se vê.

É comum a leitura mesclada de imagem. E “ler” a realidade é sobretudo saber o que fazer com ela, interferir, confrontar-se, produzir oportunidade, principalmente fazer-se

oportunidade. Precisamos nos comunicar porque a compreensão da comunicação nunca se completa, além de variar subjetivamente sua interpretação.

Segundo Carneiro:

A linguagem está cada vez mais diversificada por conta das novas tecnologias em educação, pois a rapidez estonteante com que nos são fornecidos novos dados, forjados ou não, sobre a realidade, sobre nosso passado e futuro, leva à necessidade de criação ininterrupta de novas linguagens: na televisão, no cinema, no trânsito, na arquitetura, na publicidade, na informática, na literatura, nos códigos, enfim, com o que lidamos na Babel cotidiana. Até mesmo os mais simples objetos de consumo (...) começam a perder sua condição de meros utensílios para adquirirem uma condição de signos, dando sentido a uma frase que talvez defina bem o festival da linguagem do nosso tempo: “consumir é comunicar-se”. (CARNEIRO, 2002 p. 23).

Portanto, para além da leitura de textos, há que ler filme, foto, programa de TV, prédio, mapa, “traço de dor no rosto de alguém”, um sorriso, um modo de ajeitar o cabelo, ou um vestido, o céu, um jardim e até os modos de se tratar um animal.

O que pretendemos com esta abordagem, referindo-nos às condições de higiene na Feira Livre foi trazer para a discussão que: higiene é quase um outro nome para limpeza e que exatamente por isso abordamos a condição da alimentação que fica exposta a vários tipos de vermes e micróbios naquele espaço de comercialização, que tem por base a venda de produtos alimentícios.

A sugestão de leitura foi com a finalidade de que os cursistas, enquanto sujeitos de ação e reflexão, assimilassem as condições de higiene nas quais os alimentos estão sendo oferecidos à venda e ao consumo na Feira Livre de Jacobina e que inclusive, eles, sugerissem possibilidades de mudanças no intuito de melhorar a qualidade do trabalho por eles desenvolvido.

A imagem que apresentamos logo a seguir é de um restaurante ambulante, armado em meio às outras barracas da feira; ali os clientes chegam, sentam e se alimentam ao ar livre, as refeições são aquecidas em fogões improvisados, a dona do comércio serve a alimentação, recebe o pagamento, devolve o troco, toma cafezinho, tudo a um só tempo.

Ao problematizarmos a discussão sobre as condições de higiene do ambiente de trabalho dos cursistas, a partir desta imagem, bem como, a alimentação oferecida aos consumidores naquele espaço de comercialização, fizemos através da exibição de outras fotografias para fomentar a discussão, considerando as avaliações feitas pelos cursistas e nos empenhando em respeitar os relatos feitos pelos mesmos através de causos e depoimentos.



3.3 – Vivências e experiências estéticas através de imagens

Realizamos uma breve descrição acerca das cores, da ecologia e da presença dos elementos que compõem o lazer na Feira Livre.

Atualmente, a Educação Ambiental, tem atingido experiências de sucesso, e os adeptos do ramo tem defendido veementemente a conscientização ecológica não apenas da comunidade escolar, mas de toda a comunidade mundial.

Para Marilda Massucato Braga, diretora da E. E. Professora Josepha de Sant Anna Neves, em São Sebastião, no litoral paulista,

“De nada adianta os professores entenderem os grandes temas ambientais, como mudanças climáticas e reciclagem, se não trabalharem as relações humanas e as conseqüências de nossas ações sobre o meio.” (Nova Escola, 2007, nº 202).

Assim, compreendemos que o sucesso do trabalho é fruto, sobretudo, da continuidade.

O ponto alto da continuidade do trabalho está em englobar, durante a sua caminhada, elementos enriquecedores das práticas adotadas.

Fonseca e Fonseca (1977, p. 32) registram que é preciso realizar a “abertura da aula à pluralidade dos discursos, única forma, além disso, de realizar a tão falada abertura da escola à vida, a integração da escola à comunidade.”

Sabemos que dominar uma língua não significa apenas incorporar “um conjunto de itens lexicais (o vocabulário)”. Aprender a língua implica sempre reflexão sobre a linguagem, abertura de elementos capazes de despertar habilidades formadoras de hipóteses e de opiniões, de discursos sócios culturais relevantes que nos permitam várias leituras e compreensões acerca dos eventos apresentados.

Considerando as contribuições de algumas atividades desenvolvidas e apresentadas na Feira Livre, realizamos juntamente com os cursistas uma leitura que nos permitiu assimilar e apreender a presença de elementos ecológicos e de atividades de lazer que estão visíveis e palpáveis naquele ambiente recortado e restrito de parte significativa de nossa comunidade.



Percebemos com esta imagem a capacidade que as vivências e experiências estéticas possibilitam ao indivíduo resgatar a “vital relação do homem com a natureza”, de que nos fala Campos (2002, p. 16). Basta nos questionarmos sobre a ausência de alguns

elementos que estão bem visíveis na fotografia: água para saciar a sede dos animais, ambiente adequado para os mesmos pastarem à vontade, o incômodo do barulho presente na Feira Livre, além do contato direto com as pessoas que insistem em tocá-los todo o tempo, decorrendo daí a dificuldade nos relacionamentos abordados, na relação saudável do homem com a natureza.

Problematizamos a discussão sobre as cores, os elementos ecológicos e a presença de algumas práticas de lazer que compõem o mosaico denominado Feira Livre.



A fotografia apresentada exibiu a natureza das cores que encontramos em todo o espaço da feira, mas, por estarmos falando de ecologia, identificamos na imagem a beleza, a sensibilidade que o vendedor busca fazer aflorar nos clientes, convencendo-os através do olhar a grandeza do gesto de um marido que leva um vaso de plantas para a esposa que ficou preparando o café da manhã em casa e cuidando para que os filhos não se atrasassem para ir à escola; ou encher os olhos da dona de casa que tem um dia cheio pela frente, mas que se vê atraída pelas cores que levarão conforto ao seu coração e alegria à sua sala.

Distribuímos alguns folderes e exibimos algumas fotografias, evidenciando as diferentes formas de lazer, ouvimos os depoimentos, os causos dos feirantes, sempre valorizando suas avaliações e relatos acerca do tema em debate.



Assim, podemos abstrair da foto apresentada as possibilidades de distração, as formas de lazer efetivadas na Feira Livre. De onde identificamos que as pessoas param em algum momento do dia para apreciar o tocador de violão, para acompanhar o artista e expor seus sentimentos, pois percebemos que pessoas se acomodam fora do estabelecimento comercial para escutá-lo, para acompanhar sua exibição pública.

São fotografias carregadas de elementos visíveis, registrados e de possibilidades de leituras a partir deles e dos não registros, dos elementos ausentes que nem por isso, mas principalmente por isso despertam a curiosidade e a riqueza das leituras realizadas, permitindo aos leitores olhares críticos, aferidos, substanciosos; permitindo o passeio da mente sobre a realidade e aceitando as inferências, os saberes vividos e adquiridos anteriormente, elementos que irão favorecer a produção/edificação de uma imagem mental acerca dos fatos abordados.

3.4 – Imagem como elemento cultural/promissor de leituras

Após a explanação e aplicabilidade dos conteúdos propostos anteriormente (concordando com as leituras que foram abstraídas dos mesmos, nos possibilitando rico entendimento das várias situações, compreensão e assimilação dadas acerca dos olhares e enriquecidas com os debates gerados a partir dos temas e da socialização das idéias e experiências referidas aos mesmos), foi que buscamos a fala de Lajolo (2005, p. 73), “Ler a realidade é sobretudo saber o que fazer com ela, interferir, confrontar-se, produzir oportunidade, principalmente fazer-se oportunidade”, para afirmar nossas intenções.

O que propusemos aos cursistas foi um “passeio” pelos temas discutidos anteriormente com o intuito de relembrar fixando os principais pontos discutidos. Este “passeio” através das imagens sugeriu que os cursistas navegassem e participassem socialmente, usando a linguagem como instrumento de luta, de superação das desigualdades e desenvolvimento da competência comunicativa, nunca como instrumento de assujeitamento.

Problematizamos discussões sobre as possibilidades de melhorias quanto aos problemas e as deficiências detectadas anteriormente.

Exibimos um vídeo constituído a partir de imagens e depoimentos de alguns trabalhadores da Feira Livre, com a finalidade de trazer para a discussão os principais pontos que foram abordados pelos cursistas, os quais apresentaram várias soluções para os problemas existentes.

De acordo com Galano (1998, p. 185), há uma espécie de “aliciamento pela foto”. Durante o curso observamos que bastava apresentarmos as fotografias da Feira Livre aos trabalhadores para imediatamente, sem qualquer pergunta eles começarem a descrever o espaço, o evento ligado à imagem; travavam diálogos com as imagens, e, deslumbrados pelas cores, pelos entrecortes, descreviam a moldura com os elementos intrínsecos e extrínsecos inerentes ao texto imagético com riqueza de detalhes; citavam sensações, sentimentos, cheiros, odores, barulhos, incômodos, prazeres e inconvenientes que não se consegue depreender de uma imagem, se não se tiver uma ligação com o evento que a produziu, do qual ela foi imortalizada.

Exibimos o vídeo “Nunca desista”, para refletirmos sobre nossos sonhos, nossos desejos, nossas lutas e conquistas. Sendo este o intento da nossa proposta de trabalho com a Diversidade, através da Imagem confirmamos que é possível utilizar as mesmas enquanto produtoras de conteúdos sócios pedagógicos subjacentes às aulas de Língua Portuguesa.

IV. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Após a experiência de trabalho realizada em sala de aula juntamente com os trabalhadores da Feira Livre de Jacobina, podemos confirmar os resultados positivos para as nossas expectativas, no que tange à assimilação de imagens da realidade cotidiana enquanto produtora de conteúdos sócio-pedagógicos escolares subjacentes às atividades de Língua Portuguesa.

Durante todas as atividades buscamos abalizar o valor educativo do diálogo e da participação, considerando os saberes dos cursistas, respeitando os seus direitos, valorizando as suas habilidades com o intuito de que os mesmos produzissem cultura que viesse refletir em humanização, em identificação de características comuns e adversas capazes de uni-los e distingui-los.

Realizamos as nossas atividades permeadas pelos causos e depoimentos dos cursistas que estavam ancorados nas imagens do cotidiano para realizarem suas leituras, inferências e abstrações.

Através dessas imagens visuais e mentais conseguimos realizar leituras substanciosas sobre o recorte para o qual direcionamos nossas atividades. As imagens são cenas abertas, em movimento, contam histórias, suscitam interpretações, fazem emergir valores, despertam sentimentos, transportam para lugares, momentos vividos, permitem elucidaciones, leituras, proporcionam verdadeiras viagens através de si. Existe uma delimitação imposta pela moldura, que separa o que está registrado na imagem daquilo que faz parte do evento, mas não foi imortalizado. Ao entrecortar o momento não se isola os elementos que compõe o mosaico que completam a cena. Daí a relevância dos conhecimentos acerca dos fatos, são eles que juntamente com a imagem impressa irão formar a identidade cultural e histórica de um grupo social.

Assim as leituras foram realizadas.

As imagens nos aliciaram, por sua riqueza em detalhes, cores, elementos constituintes e ausentes.

A tessitura que se compôs com os elementos visíveis, com a utopia, os sonhos, os sentimentos, os desejos e as informações acerca dos eventos abordados é que nos permitiu produzir sentido através das imagens, com maestria, desenvoltura e compromisso real com o espaço cultural abordado.

E é nesta consciência que se concretiza a nossa realização, que se dá o ápice do objetivo primordial do nosso trabalho. Foi neste ponto que os sujeitos envolvidos no discurso sistematizaram os conhecimentos adquiridos, provando que assimilaram as leituras e as discussões realizadas, e que não apenas perceberam a infinitude de elementos que compõem aquele recorte espacial, social, geográfico, cultural, delimitado, mas que, pelo valor identificado em seus relatos, depoimentos e experiências passaram a conceber a imagem/linguagem como instrumento de poder e libertação.

Imagem é representação de lugar, tempo, pessoas.

Ao se perceberem através das fotografias, os cursistas realizaram abstrações riquíssimas, despiram seus sentimentos, viajaram para o local abordado, se misturaram e se consagraram com as imagens, aplicando, compartilhando, confrontando inferências e reinventando os cenários, numa postura agora emancipada porque conscientes do seu poder de deslocamento e insubmissão.

Após as discussões geradas em torno dos temas propostos durante a aplicação do minicurso, considerando os resultados alcançados através da leitura imagética, de fotografias, vídeos, paisagens, e valorizando os causos, relatos e depoimentos dos indivíduos envolvidos na proposta de trabalho, compreendemos, quão significativo para nossa formação, é o momento da socialização das idéias e conteúdos, pois nos possibilitou um contato real, rico em experiências, capaz de nos fazer perceber as nossas deficiências e de despertar as nossas potencialidades.

O nosso trabalho foi realizado diretamente com/atraves da imagem, justamente para criar um diagnóstico que dissesse do valor, das possibilidades de se aplicar uma metodologia apropriada em sala de aula com representações do cotidiano de um grupo social, envolvido nas leituras e interpretações de si e do seu espaço através das fotografias, reafirmando assim sua identidade cultural, o momento histórico entrecortado, aprisionado pela moldura do retrato, porém aberto, uma cena em movimento, carregada de cores, sons, cheiros, emoções, sentimentos que se despe, se mistura e se consagra a partir das interferências aplicadas.

A originalidade propiciada pelos estudos realizados com as imagens retiradas da Feira Livre de Jacobina foi fundamental para o nosso entendimento, pois nos permitiu ver, ouvir e constatar a veracidade dos eventos agregados às fotografias.

Este trabalho realizado com os trabalhadores da Feira Livre de Jacobina com o intuito de apreender/depreender produções sócio-pedagógicas escolares a partir das imagens captadas no local, gerou discussões significativas.

Daí ter sido possível juntamente com os trabalhadores da Feira Livre de Jacobina compreender/abordando os conteúdos sócios pedagógicos de Língua Portuguesa subjacentes às imagens cotidianas locais, identificando características comuns e adversas capazes de unir e distinguir os indivíduos envolvidos na fração da determinada comunidade, considerando seus modos de vida e valorizando seus relatos.

Sendo a escola um dos lugares privilegiados de práticas sociais, entendemos ser necessária à mesma uma abertura maior às atividades de leitura, não abandonando os textos escritos, nem desvalorizando a oralidade, porém, incorporando outras possibilidades ao seu currículo. Apresentamos, assim, a experiência realizada com os trabalhadores da Feira Livre de Jacobina como uma possibilidade inovadora de realizar leituras através de imagens durante as aulas de Língua Portuguesa.

Já não podemos conceber uma escola na qual sua metodologia, suas práticas educativas e seu currículo não fazem uso contínuo, contextualizado da leitura pormenorizada de imagens (desenhos, pinturas, vídeos, acontecimentos, fotografias) tendo por princípio valorizar as interferências dos sujeitos do discurso, pois que eles sendo os atores coadjuvantes ou expectadores dos fatos, com certeza, em suas falas transbordam sentidos, significados de uma realidade recortada, estática que ao ser exposta à análise se apresenta aberta, carente de intervenções interpretativas que lhe dêem sentido, tragam vida, permitam uma ligação real com o momento do seu entrecorte, possibilitando uma “relição” com as pessoas, os fatos, o momento histórico do seu registro. E quem lhe trará essa nova significação será o indivíduo leitor competente, conhecedor das realidades externas, inquieto, ávido de conhecimento e por oportunidade de aplicar suas teorias.

Em suma, este trabalho representa a possibilidade de repensarmos o ensino tradicional de Língua Portuguesa, pois o mesmo confirma o sucesso das aulas de leitura realizadas através de imagens, tendo como tema, origem e sujeitos os trabalhadores da Feira Livre de Jacobina. Enfim, todo esse corolário ideológico corrobora com a noção do caráter inovador sob o qual planejamos e executamos a experiência apresentada.

V. REFERÊNCIAS

- _____. Educação Ambiental: em defesa do planeta. Revista Nova Escola, n. 202, ano XXII, p. 44-51, 2007.
- _____. Estatuto da Criança e do Adolescente / Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da educação, Assessoria de Comunicação Social. – Brasília: MEC, ACS, 2005.
- ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Reflexões Sobre Iconografia Etnográfica: por uma hermenêutica visual*. In: BIANCO-FELDMAN, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. São Paulo: Papirus, 1998.
- BELLONI, Maria Luiza. *Mídia-educação ou Comunicação Educacional? Campo novo de teoria e prática*. In: *A Formação na Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. *Algumas Considerações Sobre o Uso da Imagem Fotográfica na Pesquisa Antropológica*. In: BIANCO-FELDMAN, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. São Paulo: Papirus, 1998.
- CAMPOS, Neide Pelaez de. *A Experiência Estética na Formação do Professor*. In: BELLONI, Maria Luiza (Org.). *A Formação na Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CARNEIRO, F. M. *Leitura e Linguagem*. In: Yunes S. E. *Pensar a Leitura: complexidade*. São Paulo: Loyola, 2002.
- DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. *Histórias de Leitura na Vida e na Escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social*. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- DEMO, Pedro. *Leitores Para Sempre*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

- FOURQUIN, Jean-Claude. *Imagem, Linguagem Audiovisual e Conhecimento Escolar*. In: DUARTE, Rosália. *Políticas Educacionais, Tecnológicas e Formação do Educador: repercussão sobre a didática e as práticas de ensino*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (13: 2006: Recife-PE) Recife: Endire, 2006.
- FONSECA, Irene & FONSECA, Joaquim. *Pragmática, Lingüística e Ensino de Português*. Coimbra: Almedina, 1977.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALANO, Ana Maria. *Iniciação à Pesquisa com Imagens*. In: BIANCO-FELDMAN, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. *O Texto na Sala de Aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- GOMES, Antenor Rita. *Linguagem Imagética e Educação*. Espírito Santo: Ex Libris, 2008.
- GOUVÊA, Guaracira e MARTINS, Isabel. *Imagens e Educação em Ciências*. In: ALVES, Nilda e SGARBI, Paulo (Orgs.). *Espaços e Imagens na Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/pol%c3%ADcia_militar_do_estado_da_bahia acesso em: 14/03/2009.
- LACERDA, Aline Lopes de. *Os Sentidos da Imagem: fotografias em arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: DP&A, 1993.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 2005.

MAFFESOLI, M. *A Imagem Religante*. In: SETTINERI, Francisco Franke (Trad.). *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da Conversação*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice, *O Homem e a Comunicação: a prosa do mundo*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974.

NETO, João Cabral de Melo. *Tecendo o Amanhã*. In: *Educação Pela Pedra*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

RAMALHO, Zé. *Frevoador*. Rio de Janeiro: Columbia (Sony Music) – 1992.

RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia Social: uma leitura sobre as relações interpessoais*. In: LANE, S. e SAWAIA, B. (Orgs.) *Novas Veredas em Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa*. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2000.